



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANA CLARA PRADO FERREIRA

**UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA
ESPORTIVA E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E EDUCAÇÃO**

**LAVRAS-MG
2020**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA
ESPORTIVA E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências da
Disciplina Seminário de Pesquisa do Curso
de Graduação em Psicologia.

Orientadora: Maria Camila Lima

**LAVRAS
2020**

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico
da Biblioteca Central do UNILAVRAS

F383e Ferreira, Ana Clara Prado .
Um estudo comparativo sobre a motivação na prática
esportiva e a influência no processo de ensino e educação/
Ana Clara Prado Ferreira. – Lavras: Unilavras, 2020.
35f.: il.

Monografia (Graduação em Psicologia) – Unilavras,
Lavras, 2020.
Orientador: Prof. Maria Camila Lima.

1. Motivação. 2. Educação. 3. Psicologia do esporte.
4. Psicologia e motivação. I. Lima, Maria Camila (Orient.).
II. Título.

ANA CLARA PRADO FERREIRA

**UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA
ESPORTIVA E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências da
Disciplina Seminário de Pesquisa do Curso
de Graduação em Psicologia.

APROVADO EM 10/11/2020



ORIENTADORA

Maria Camila Lima/ Centro Universitário de Lavras



PRESIDENTE DA BANCA

Cleonice de Faria Barbosa/ Centro Universitário de Lavras

LAVRAS-M G

2020

À Deus

Aos meus pais Valéria e Márcio

*Aos meus irmãos Ana Cibelle e
Samuel*

À minha querida Karine

AGRADECIMENTOS

Tenho muito que agradecer por todo esse percurso, mas primeiramente a Deus por me dar força e direção correta. Agradeço aos meus pais e meus irmãos por serem meu porto e me ensinarem tantas coisas que a faculdade jamais me ensinaria, mas que sei que levarei para a vida. Agradeço à Karine por ser a pessoa que mais se faz presente neste processo (e tantos outros). Também agradeço aos colegas, tanto os que estão comigo desde o início, quanto quem acabou de chegar, pois com vocês o caminho ficou mais leve e ganhou novos significados e fins. Agradeço com todo coração aos meus queridos professores, que puderam me ensinar mais do que qualquer teoria pode abraçar, mas como de fato olhar para o outro com tanto carinho e afeto. Agradeço ao professor Renato por começar comigo este caminho, e agradeço de forma especial minha orientadora Maria Camila, por todo suporte, carinho e por acreditar em cada passo que demos até aqui.

*“[Eu] Pensava que nós seguíamos
caminhos já feitos,
mas parece que não os há.
O nosso ir faz o caminho.”*
C.S. Lewis. 1898 - 1963

RESUMO

Introdução: Apresenta uma revisão sistemática de literatura sobre um olhar psicológico e educacional quanto a motivação no esporte. **Objetivo:** fazer um estudo comparativo com uma pesquisa feita anteriormente, buscando mudanças quanto aos estudos acadêmicos na Psicologia do esporte e influencia das abordagens no olhar psicológico aos fenômenos relacionados a Motivação na prática esportiva de atletas. **Metodologia:** Para realizar a revisão de literatura, e com a finalidade de comparar com os resultados obtidos por Ferreira (2019), foram realizadas três etapas de processo, assim como Ferreira: planejamento da revisão: realização da revisão e análise do material. **Resultados:** Após fazer as buscas dos descritores, foram encontrados 152, sendo 30 repetidos, totalizando 122 artigos. Contudo, após análise, fazendo uso dos critérios de inclusão e exclusão, sobraram 10 artigos, sendo 3 repetições, totalizando 7 apenas artigos. A partir do material encontrado, percebemos que as abordagens têm poucas publicações relacionadas à motivação, sendo estas pouco proveitosas para esta pesquisa. **Conclusão:** Culturalmente, somos ensinados que esporte não é tão importante assim. Contudo, a falta de incentivo ao esporte durante o período escolar possui algumas consequências em todos os níveis de ensino, da educação infantil ao ensino superior. Diante do recorte realizado neste trabalho, é possível compreender o efeito desse movimento na Psicologia do Esporte como ciência e profissão. A dificuldade de encontrar profissionais especializados na área, possui um impacto na formação curricular do curso. Considerando que são diversas as universidades que não adotaram a disciplina de Psicologia do Esporte como parte da grade curricular.

Palavras-chave: Motivação; Educação; Psicologia do Esporte; Psicologia e Motivação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Psicologia do Esporte e suas Inter-Relações Profissionais.....	14
Figura 2	<i>Continuum</i> de motivação intrínseca e extrínseca...	19
Figura 3	Motivação na prática esportiva como resultado de interação entre fatores pessoais e situacionais ...	20
Figura 4	O modelo de Maslow	24
Figura 5	Fases da revisão sistemática de literatura	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Relação numérica de artigo incluídos e excluídos por descritores do ano de 2017 até 2020	30
Quadro 2	Relação numérica de artigo incluídos e excluídos por descritores do ano de 2017 até 2016	31

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
2.1	A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE.....	13
2.2	A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE E EXERCÍCIO NO MUNDO.....	13
2.3	A HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE E EXERCÍCIO NO BRASIL.....	16
2.4	CONCEITO DE MOTIVAÇÃO.....	16
2.5	MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA.....	17
2.6	MOTIVAÇÃO NA PSICOLOGIA DO ESPORTE.....	19
2.7	MOTIVAÇÃO NAS ABORDAGENS PSICOLÓGICAS.....	20
2.8	A EDUCAÇÃO E PRÁTICA ESPORTIVA.....	23
2.9	COMUNIDADES ESPORTIVAS E O PAPEL DE SOCIALIZAÇÃO DO ESPORTE.....	26
3.	MATERIAL E MÉTODO.....	28
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo e Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). O desejo pela pesquisa surge logo no primeiro período, marcado pelo interesse em aprofundar os estudos sobre motivação na prática esportiva. Tal interesse também está associado à trajetória escolar, na qual o esporte sempre esteve presente, em diversas modalidades. Iniciou-se a primeira pesquisa no primeiro semestre de 2017 e seu percurso foi instigante, com diversas adaptações do projeto em sua aplicação prática, e alguns resultados desafiadores

Este trabalho também está associado e possui contribuições do Grupo de Estudo e Pesquisas Interdisciplinares.

Com as considerações das pesquisas anteriores, nas quais evidencia-se a precariedade de artigos científicos e atividades educacionais que estimulem a prática de esporte no país, torna-se indispensável a busca por um novo olhar sobre a prática esportiva no Brasil.

Dessa maneira, decidiu-se nesta pesquisa compreender questões características que nos chamaram atenção, como o crescimento na produção científica e intervenções da psicologia do esporte nos últimos dois anos. Juntamente com a importância da inserção do esporte no processo de desenvolvimento humano.

A Psicologia do Esporte é uma área específica da ciência psicológica em franca ascendência e expansão teórica e prática, pois de certa forma, o “mundo do esporte” (clubes, comissões técnicas, empresários, patrocinadores, etc.), constata que as habilidades psicológicas podem ser treinadas, culminando conseqüentemente em melhorias nos resultados e nas performances de equipes e atletas.

De acordo com Gould e Weinberg (2008), a indústria do esporte é a terceira maior do mundo em movimentação financeira, perdendo somente para a automobilística e a do petróleo e seus derivados. Vendo então esse impacto econômico pelo mundo, aqui objetivamos compreender outros impactos que o esporte pode causar, sendo ele social, acadêmico e educacional.

Como dito por Santos (2018), o uso de jogos, esportes e brincadeiras é efetivo se torna uma oportunidade de trazer novas possibilidades de ensino-aprendizagem, independente da faixa etária, assim como desenvolver tanto intelectualmente quanto fisicamente. Foucault (2012), citado por Santos (2018) faz um resgate histórico, no qual lembra que a Roma antiga dava grande importância à prática física, tendo maior consciência e domínio do corpo, de modo a trazer qualidade de vida, saúde e prazer, culminando num sujeito mais forte fisicamente e emocionalmente. Desde modo, a prática esportiva vai além de questões físicas, pois passa a ser

sobre a socialização do sujeito, resgate identitário e de valores e princípios. Assim, a inserção do esporte nas diversas realidades sociais, pode ser caracterizado como pedagógico e transformador.

Com o que foi exposto, percebe-se que o papel do psicólogo dentro das práticas esportivas é de extrema importância não só para o rendimento saudável dos atletas, mas na compreensão biopsicossocial do sujeito.

A principal justificativa pela escolha desse tema foi considerar que pesquisas sobre a atuação da psicologia no mundo do esporte traz consigo uma relevância social, estimula a reflexão e promove o aprimoramento da área de forma ética e científica.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

A compreensão da história da psicologia do esporte e suas funções e atribuições práticas é de fundamental importância neste estudo. Como bem se sabe, a Psicologia como um todo tem o objetivo de estudar a subjetividade do homem, seja lá qual for a abordagem e a fundamentação filosófica será usado para ver essa subjetividade. Pela necessidade de datar o início da Psicologia como uma ciência, entende-se o início em 1879, com o laboratório de Wilhem Wundt, em Leipzig, na Alemanha. Havia um rigor muito grande na relação das ideias psicológicas e suas experimentações, estudando as respostas do organismo a partir de estímulos, assim, Wundt é tido como o fundador da psicologia científica. Conjuntamente com o desenvolvimento e estabelecimento da psicologia como ciência, surgiram algumas áreas de atuação, sendo uma delas a psicologia do esporte e exercício.

Salmulski (2009) em sua obra, ressalta que existem psicólogos que entendem que a Psicologia do Esporte é uma subárea da psicologia aplicada, já outros profissionais entendem que a Psicologia do Esporte é apenas mais uma disciplina da ciência do esporte. Acrescenta-se ainda que atualmente a Psicologia do Esporte conseguiu se emancipar da sua “ciência mãe” (a psicologia), “atualmente, ela é uma disciplina científica independente, com suas próprias teorias, seus métodos e programas de treinamento” (SALMULKI, 2009, p. 2). Salmulski (2009) acrescenta que “se ocupa da análise e modificação de processos psíquicos e de ações esportivas”

Segundo Salmulski (1989 apud NITSCH, 2009, p.2), para analisar as bases e efeitos psíquicos de ações esportivas, deve-se considerar a análise de processos básicos (cognição, motivação, emoção), mas também se deve levar em consideração a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção, ou seja,

à função da psicologia do esporte consiste na descrição, na explicação e no prognóstico de ações esportivas, com o fim de desenvolver e aplicar programas, cientificamente fundamentados, de intervenção, levando em consideração os princípios éticos (NITSCH, 1986, apud SALMULSKI, 2009, p.3)

2.2 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE E EXERCÍCIO NO MUNDO

Segundo Rubio (1999), a psicologia do esporte compõe as Ciências do Esporte, assim como a antropologia, filosofia, e sociologia do esporte (fazendo parte da área sócio cultural), somadas às outras áreas, tais como a fisiologia, medicina, e biomecânica do esporte. De acordo com

Rubio (1997 apud Machado, 1999), houveram duas importantes publicações de Schulte e Griffith, sendo que o segundo deste abriu o primeiro laboratório para pesquisas aplicadas à Psicologia do esporte nos EUA, sendo este um marco importante para o crescimento e desenvolvimento da Psicologia do Esporte.

Rubio aponta que na década de 1960 houve um grande crescimento de produção voltada para a psicologia social na atividade física e do esporte, sendo que neste mesmo período foi criada a International Society of Sport Psychology (ISSP) com o objetivo de reunir pessoas interessadas por tal atuação psicossocial.

Feltz (1992) mencionado por Vieira et al. (2010), compreende a área como uma especialidade da Psicologia, enquanto outros teóricos, como Gill (1986) compreende como uma subdisciplina das Ciências do Esporte. De acordo com Weinberg e Gould (2001, p. 28), “a Psicologia do Esporte e do Exercício é um estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas, e a aplicação deste conhecimento”. É importante compreender essa definição, pois assim passa a compreender a área da Psicologia do Esporte e Exercício para além de conhecimentos científicos e teóricos, mas se torna parte da prática profissional.

Desta forma, conseguimos compreender a Psicologia do Esporte como uma ramificação do esporte, da Psicologia e das Ciências do Esporte. (Figura 1).



Figura 1. Psicologia do Esporte e suas Inter-Relações Profissionais.

De acordo com Rubio (2000), alguns estudiosos da Psicologia do Esporte afirmam que seu início oficial foi entre o final do século XIX e início do século XX, dentre eles, encontramos William e Straub (1991), Salmela (1984), Wiggins (1995), Weinberg e Gould (2000), quando Norman Triplett (1898) começou a estudar o motivo que levava os ciclistas que trabalhavam em grupo a terem um melhor desempenho do que os ciclistas individuais. Porém, ainda assim

o esporte não era ainda uma área específica do conhecimento. Segundo Vieira et al. (2010), Triplett estudou o rendimento do atleta na presença do adversário. Acreditava que a presença do adversário era estimulante para a liberação de uma energia latente sem o ritmo da competição.

Na década de 1970 a Psicologia do Esporte tornou-se uma disciplina em si. Rubio (2000) aponta que nesta época houve muitos estudiosos dispostos a fazerem pesquisas sistemáticas com estudos experimentais. Acrescenta também que haviam muitos estudos sobre personalidade, e foram estes que mais se destacaram na época, sendo que muitos destes pesquisadores entendiam que os mecanismos internos eram como um regulador de conduta.

Já nos anos 1980 foram marcados pela atuação voltada para a cognição, questões estas relacionadas ao pensamento e suas representações no atleta (RUBIO, 2000). Os cognitivistas estudavam como a mentalização interfere no rendimento, por exemplo, como pensamentos negativos como “não consigo” ou “não posso” influenciavam diretamente na execução e rendimento do atleta. Ou seja, chegaram à conclusão que aqueles atletas que de forma natural treinam se imaginando triunfando ou aqueles que de forma natural se imaginam rendendo o máximo, tem maiores condições de encarar e responder da melhor forma as demandas das competições.

Rubio (2000) aponta que nos anos 1960 a antiga União Soviética acolheu e desenvolveu em demasia a Psicologia do Esporte. Segundo Rubio (1948 apud SALMELA, 2000, p. 21) o ex-bloco soviético aplicou de forma específica a Psicologia do Esporte incrementando o rendimento de atletas de alto rendimento, desempenhando papel nas etapas de seleção, treinamento e preparação para competição, assim, o psicólogo foi visto como figura importante na busca de excelência pelo atleta e comissões técnicas.

De acordo com Kanto e Ryzonkin (1993, citados por Rubio, 2000), nos últimos anos têm havido um enfoque maior na compreensão da motivação competitiva e enfrentamento da ansiedade antes e durante a competição. Deste modo, as preparações psicológicas pessoais têm um enfoque na prontidão psíquica com o objetivo de desenvolver a personalidade e subjetividade do atleta ao ponto de ele poder carregar essa base para o futuro.

Constata-se também que a intervenção governamental é determinista na qualidade de pesquisas e aplicação da Psicologia do Esporte. Rubio (1991 apud William e Straub, 2000, p.22) aponta que as pesquisas psicológicas sofisticadas financiadas pelo governo somados ao preparo físico, colocou o Leste Europeu à frente dos Estados Unidos, acrescentando ainda que demandará muito tempo dos pesquisadores norte-americanos para se aproximarem das conquistas das práticas dos pesquisadores do Leste Europeu.

De acordo com Brandão e Machado (2007), na Alemanha esta área foi desenvolvida nos institutos de Educação Física nas universidades de Leipzig e Berlim. Os fundadores foram R. W. Shulte, N. Sippel e F. Giese que realizaram investigações e aplicações nos anos de 1921 e 1928, tendo livros e artigos publicados.

Brandão e Machado (2007) apontam que, após a divisão da Alemanha na Segunda Guerra, Doil, Matheus e Kunath, elaboram uma psicologia do esporte com parâmetros do marxismo e os teóricos da psicologia soviética, porém com algumas originalidades. Vale ressaltar que a Alemanha Ocidental é pioneira no trabalho direto dos psicólogos.

2.3 A HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE E EXERCÍCIO NO BRASIL

Brandão e Machado (2007) ressaltam que diferentemente dos outros países da América Latina, o Brasil tem um dos fundadores da Psicologia do Esporte e Exercício, sendo este um privilégio raro. Em 1958, João Carvalhaes teve suas primeiras atividades no São Paulo Futebol Clube e na seleção brasileira no mesmo ano.

Como comumente conhecido, o Brasil tem traços fortes pelo futebol, sendo assim, é natural que a Psicologia tenha começado em tal modalidade, aponta Brandão e Machado (2007). Porém, na década de 1980 começou-se a trabalhar nas demais modalidades esportivas, em especial no Clube Pinheiros, em São Paulo.

Vale ressaltar que no Brasil a nossa história na psicologia do esporte ainda é curta e de pouco conhecimento popular.

Brandão e Machado (2007, p. 27) apontam que

para poder fazer Psicologia do Esporte e não Psicologia no esporte, deve-se conhecer o esporte com relativa profundidade: as características do esporte, os sistemas de treinamento utilizados, a dosagem das cargas, as exigências psicológicas tanto da competição como do treinamento. (BRANDÃO; MACHADO, 2007, p. 27)

2.4 CONCEITO DE MOTIVAÇÃO

De acordo com Moreira e Todorov (2005), o conceito de motivação é amplamente usado e usado de diversas formas, podendo esta palavra ser usada de formas distintas. Moreira e Todorov (2005) ao citar Vernon (1973) apontam que a motivação é como uma força interna

que nos emerge, regula e sustenta nossas ações importantes, contudo, por ser algo interno, não pode ser estudada de modo direto.

Ao discorrer sobre as interpretações do que viria a ser a motivação, Braghirolli (et al., 2002) aponta que é comumente usado como sinônimo de “incentivo” e “impulso”, sendo que estes não carregam o significado da motivação, assim sendo, é usado de forma inadequada.

Braghirolli (et al., 2002) faz algumas classificações de *motivos* divididos em três categorias (Aragão, 1970, p.70 e Edwards, 1973, p. 71),

- motivos relacionados à sobrevivência ou questões fisiológicas;
- motivos relacionados com a interação social;
- motivos relacionados com a interação consigo mesmo, motivos do EU.

Moreira e Todorov (2005) reafirmam como existem diversos conceitos a respeito da motivação e como podem se contradizer. Em sua obra é citada algumas definições, sendo algumas destas:

“Uma busca dos determinantes (todos os determinantes) da atividade humana e animal”. (1961 apud YOUNG, 2005).

“Entendemos por motivo algo que incita o organismo à ação ou que sustenta ou dá direção à ação quando o organismo foi ativado”. (1967, apud HILGARD & ATKINSON, 2005).

“O estudo da motivação é a investigação das influências sobre a ativação, força e direção do comportamento”. (1977, apud Arkes & Garske, 2005).

“Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa”. (1997, apud ROGERS, LUDINGTON & GRAHAM, 2005)

“Os motivos são concebidos... como forças que são moldadas pela experiência”. (1999, apud DWECK, 2005).

Assim notamos que realmente existem diversas formas de se entender o que é a motivação.

2.5 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA

Segundo Samulski (1995) citado pelo próprio (2009), “a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores

personais (intrínseco) e ambientais (extrínseco).”

Atualmente se tem o pensamento que a motivação extrínseca e a intrínseca é um *continuum*, havendo ainda diferentes tipos de motivações extrínsecas e intrínsecas (Gould e Weinberg, 2008).

2.5.1 Motivação Intrínseca

- Conhecimento: o indivíduo tem prazer na atividade que exerce, assim experimentando da aprendizagem;
- Realização: o indivíduo sente prazer e satisfação ao efetuar, criar ou dominar alguma habilidade de grande grau de dificuldade;
- Estímulo: a pessoa participa de uma atividade para ter alguma boa sensação, como alegria ou prazer.

2.5.2 Motivação Extrínseca

- Regulação integrada: é a valorização do resultado, mas não da atividade em si própria;
- Regulação identificada: o comportamento é valorizado e aceito, mesmo que ele não traga prazer;
- Regulação introjetada: a motivação vem de estímulos e pressões, contudo o comportamento não pode ser autodeterminado pois o que motiva o indivíduo são fatores e contingências externas;
- Falta de motivação: não há motivação intrínseca e nem extrínseca, havendo sentimentos difusos de incompetência e de falta de controle.

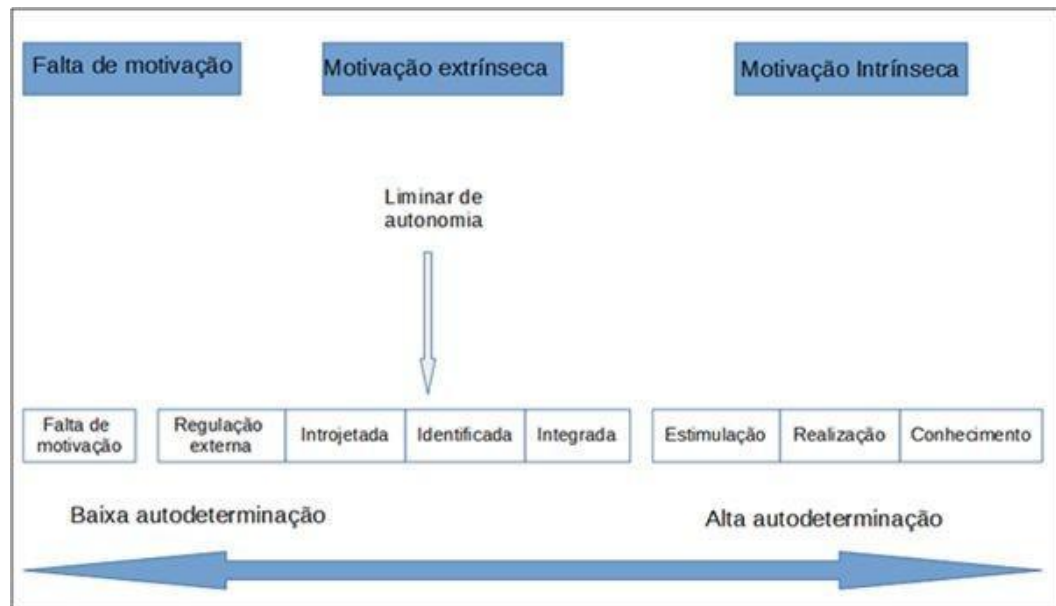


Figura 2 Continuum de motivação intrínseca e extrínseca.

2.6 MOTIVAÇÃO NA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Como já discutido, a motivação é elemento fundamental na prática do esporte, seja por atletas profissionais, atletas que o fazem por prazer ou crianças que entram em programas esportivos. Então os estudos sobre a motivação dentro do esporte podem discutir sobre o que leva o indivíduo a simples prática do exercício.

2.6.1 Funcionamento da motivação dentro da prática esportiva

Weinberg & Gould citados por Samulski (2009, p. 168) estuda um modelo interacional da motivação dentro do esporte, que é apresentado na Figura 3.



Figura 3 Motivação na prática esportiva como resultado de interação entre fatores pessoais e situacionais (Weinberg & Gould, 1999)

Chagas e Samulsky (1992) realizaram estudos para saberem quais são os aspectos motivadores que levam pessoas a frequentar academias em Belo Horizonte. Estes aspectos

motivadores são: manter-se em boa forma, melhorar o condicionamento físico, aumentar o bem-estar corporal e psicológico, melhorar o estado de saúde e prazer em realizar atividade física.

Vários pesquisadores também pesquisam sobre quais são os motivos que fazem crianças se envolverem em programas esportivos (Becker, 2000; Samulski, 1995; Gould & Petlichoff, 1988). Podemos destacar: ter alegria, aperfeiçoar suas habilidades e aprender novas, praticar com os amigos e fazer novas amizades, adquirir forma física e sentir emoção positiva.

2.6.2 Teoria da ativação

No início da construção de tal teoria, os psicólogos acreditavam que a relação entre ativação e desempenho era de modo direto e linear (Spence e Spence, 1966). A ideia é que quanto maior a ativação ou a ansiedade, maior o desempenho do indivíduo, ou seja, quanto mais alerta o atleta está, maior será o desempenho do mesmo. (Gould e Weinberg, 2008).

Em diálogo com essa teoria, temos a teoria da facilitação de Zajonc, esta teoria diz: “A teoria da facilitação social prediz que a presença dos outros ajuda o desempenho de habilidades bem aprendidas ou simples e inibe ou diminui o desempenho em tarefas não-aprendidas ou complexas” (Gould e Weinberg, 2008, p. 104). Mas não quer dizer necessariamente que precisa de uma plateia para essa ativação, mas sim de uma outra pessoa, podendo até mesmo ser um colega de equipe. Então Zajonc (1965) usa da teoria da ativação para mostrar como o desempenho pode estar associado à presença de outra pessoa em uma atividade em que se acha fácil ou que se tenha domínio, pois assim se ativa a ansiedade, mas no ponto certo de causar um bom desempenho.

2.7 MOTIVAÇÃO NAS ABORDAGENS PSICOLÓGICAS

Neste tópico específico pretende-se uma inicial aproximação das abordagens supracitadas, em relação ao entendimento da questão motivacional, mas ressalta-se que o objeto principal da pesquisa é fazer essa análise correlacionada às práticas e técnicas utilizadas por profissionais das três escolas psicológicas no mundo esportivo.

2.7.1 Motivação na abordagem Psicanalítica

Como diz Bisiet al. (2002), Freud entendia que o comportamento humano é determinado pela motivação de modo inconsciente e pelos impulsos instintivos, no entanto, aquilo que a pessoa decide para ela de modo consciente não é necessariamente o melhor para ela.

Três conceitos básicos e muito importantes dentro da psicanálise são “id”, “ego” e “superego”.

Os três sistemas entrariam, ocasionalmente, em conflito, já que as exigências do id nem sempre são vistas com bons olhos pelo superego, principalmente aquelas relacionadas com a agressão e a satisfação sexual.

Porém, quanto a motivação, é como a interação dos três sistemas, de forma harmoniosa ou não, que agem de forma inconsciente trazendo satisfação e prazer.

Segundo Aguiar (op. Cit)

A principal contribuição da teoria psicanalítica está na ênfase que Freud dá à dependência que o comportamento adulto mantém em relação às experiências da infância. A ênfase no passado do indivíduo e nos instintos como forças motivadoras realmente caracteriza a abordagem histórica e o determinismo biológico da teoria psicanalítica.

2.7.2 Motivação na abordagem Behaviorista

A abordagem Comportamental se propõe a estudar de forma objetiva os comportamentos humanos, de modo que o comportamento deve ser a única fonte de dados do psicólogo (BISI et all, 2002, p. 102).

Em relação a motivação, a teoria comportamental entende que o ponto central é o conceito de impulso, que é entendido como a força que impele à ação, atribuível às necessidades primárias (BISI et all, 2002, p. 102).

Evans citado por Bisi, diz que a abordagem

vê a execução de uma resposta como se fosse exclusivamente determinada pelo hábito e o impulso. Os hábitos são as vias de acesso construídas entre o ponto de partida (estímulo) e o destino (resposta); o impulso é o combustível que possibilita a viagem.

Cruz (2005) diz que para abordagem comportamental é desenvolvida uma teoria que a pessoa busca o prazer e afasta-se do sofrimento (hedonismo). Ainda acrescenta que a motivação “é a força que conduz o comportamento; motivo está fora da pessoa, nasce de fatores extrínsecos que são soberanos a sua vontade” (CRUZ, 2005, p. 8). Deste modo, se entende que existe uma ligação entre estímulos externos e a resposta comportamental.

Waynen Weiten é um behaviorista americano, formado em Bradley University, com o título de doutor em Psicologia Social na University of Illinois, Chicago. Em sua obra “Introdução à Psicologia: Temas e Variações”, ele elenca algumas teorias e conceitos sobre a motivação. Weiten (2010) discursa sobre a teoria do impulso. Weiten aponta que esse conceito de impulso surge com Connor (1932), que diz que a motivação vem mediante a necessidade da busca da homeostase, ou seja, um estado fisiológico de equilíbrio. Se entende então que esse

impulso “é um estado interno no hipotético de tensão que induz um organismo a empreender atividades que possam reduzir tal tensão” (WEITEN, 2010, p. 272), assim sendo, quando um indivíduo presencia um impulso, ele é motivado a reduzir tal impulso. Porém, Berridge (2004), citado por Weinten (2010), aponta que essas teorias do impulso não são suficientes quando se trata de questões mais subjetivas. O exemplo dado pelo autor é que estas teorias não explicam a “sede de saber”, pois não há questões fisiológicas a serem equilibradas por meio da homeostase.

Devido a insuficiência das teorias do impulso, as teorias do incentivo tendem a abordar e explicar melhor tais questões não supridas. Autores como Bolls (1975), McClelland (1975) e Skinner (1953), citados por Weinten (2010), apontam que o que regula a motivação são os estímulos externos, ou seja, “incentivo é um objetivo externo capaz de motivar o comportamento” (WEITEN, 2010, p. 272).

Podemos entender as teorias do incentivo e do impulso como as teorias de empurrar e puxar. As teorias do impulso mostram como questões internas *empurram* as pessoas em determinada direção, assim como as teorias do incentivo enfatizam como estímulos externos *puxam* as pessoas para certa direção. Sendo assim, ambas as teorias apontam questões diversas a respeito da motivação, sendo ela de caráter interno ou externo.

2.7.3 Motivação na abordagem Humanista

Dentro da abordagem humanista, há um teórico muito importante que estuda justamente a motivação. Maslow cria uma teoria, chamada de Hierarquia das Necessidades (1970). Nesta teoria, há uma pirâmide que é dividida em fatias, e essas fatias são “níveis de necessidade”. Boher ao citar Maslow (1981), diz “Estes níveis devem ser preenchidos, e, assim que algum deles estiver satisfeito em grau razoável, grau esta variável de indivíduo para indivíduo, o esforço de motivação deste se colocará na busca de satisfação do nível imediatamente superior”.

Abraham Maslow (1943) foi um grande psicólogo da abordagem Humanista da Psicologia. Suas contribuições foram para além da Psicologia, indo também para as áreas da Administração. Motta e Vasconcelos (2006), apontam como a teoria sobre a hierarquia das necessidades foi de grande impacto nos estudos sobre a motivação. Entende-se também que seus estudos eram voltados para o campo dos estudos e teorias da personalidade e desenvolvimento humano, mesmo que hoje em dia seja utilizado fortemente em estudos organizacionais. Maslow, citado por Motta e Vasconcelos (2006), entende que o ser humano tem necessidades bem complexas que estão em níveis diferentes. Primeiro é necessário que

supra as necessidades básicas (*lower-order needs*), que são relacionadas à fisiologia, e segurança.

Depois desse nível estabilizado, o ser humano procura estabilizar níveis mais complexos (*higher-order needs*). Isso representa que só depois de se suprir as necessidades básicas, se pode demandar energia para então suprir as necessidades mais complexas.

Entende-se que a segunda ordem mais complexa são as necessidades relacionadas com as interações sociais, e a mais complexa são as necessidades relacionadas com o Ego, sendo a mais complexa de todas a autorrealização (self-actualization). Os autores apontam que este seria um ideal a ser perseguido.

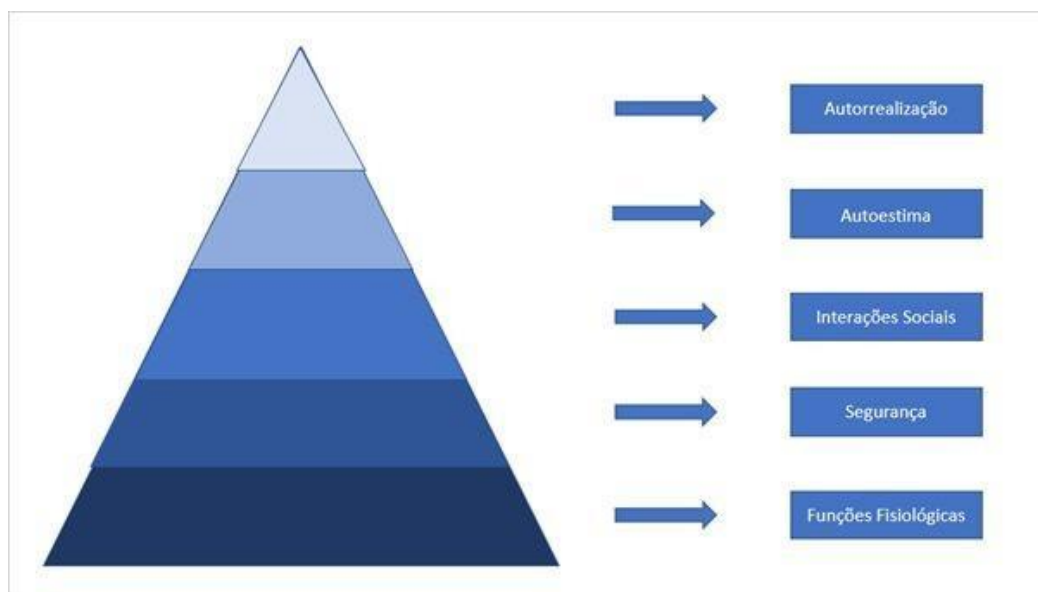


Figura 4 – O modelo de Maslow

Motta e Vasconcelos (2006) apontam que essa pirâmide não significa que o ser humano caminhe de forma linear, e que a pessoa pode subir e descer nesta pirâmide, não sendo algo contínuo, pois tudo depende das circunstâncias da vida do indivíduo.

2.8 A EDUCAÇÃO E PRÁTICA ESPORTIVA

Desde a década de 60, começaram a ser implantadas as aulas de Educação Física nas escolas. A partir da Lei 10.328, de 12 de dezembro de 2001 as aulas de Educação Física passam a ser obrigatórias (BRASIL, 2001). A Lei 10.793, de 01 de dezembro de 2003, estabelece que a prática da Educação Física passa a ser facultativa para o aluno que: trabalhar mais de seis horas por dia; tiver mais de 30 anos de idade; for portador de algum problema de saúde, crônico ou temporário; estiver prestando serviço militar; estiver submetido a atividade física; tiver filhos (BRASIL, 2003).

2.8.1 Motivação em contexto escolar

Como já dito, a motivação é aquilo que nos move a prática ou executar uma ação. São vários os teóricos que tentam definir de formas específicas, contudo, quanto a motivação dentro do ambiente escolar é dita que

Toda pessoa dispõe de certos recursos pessoais, que são tempo, energia, talentos, conhecimentos e habilidades, que poderão ser investidos numa certa atividade. A maneira como vão utilizar esses recursos vai ser diferente de uma pessoa para outra. Cabe, ao professor, estabelecer maneiras de ativar esses recursos em seus alunos e motivá-los a participar e estar atentos às aulas (MAEHR; MEYER apud BZUNECK, 2009, p. 10).

A motivação é um elemento essencial e fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Sem a mesma não apenas não é possível não aprender, como dificulta a conclusão do ciclo de ensino básico. “Entendida como fator ou como processo, a motivação responde por determinados efeitos, dos quais se podem identificar os dois níveis de efeitos imediatos e efeitos finais” (BZUNECK, 2009, p. 11).

A motivação pelo estudo se faz necessário por diversos motivos, que vai além de tirar notas, passar de ano, ou a vontade de ter um emprego estável. É sobre exercer e fazer valer a cidadania e seus direitos. “Sem a aprendizagem na escola, que depende de motivação, praticamente não há futuro para ninguém” (BZUNECK, 2009, p. 13).

2.8.2A participação dos alunos de Ensino Médio em Aulas de Educação física

Em 20 de dezembro de 1996 foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394, que estabelece diretrizes para a educação nacional. Em 2001 a disciplina de Educação Física passa a ser obrigatória na Educação Básica.

Celante (2000) diz que

[...]por meio da Educação Física que o aluno do Ensino Médio poderá compreender, questionar e criticar os valores que são atribuídos ao corpo e ao movimento corporal, para poder transformá-los. Em suma, cabe à Educação Física o papel de introduzir e integrar o aluno no universo da cultura corporal [...] (CELANTE, 2000, p. 86).

Montenegro (2004) fala que o aluno deve “aprender a aprender” e não apenas aprender “como fazer”. Esse processo diz sobre não reter o conhecimento, mas adquiri-lo de modo que saiba utilizá-lo e passar para frente.

Em uma pesquisa realizada por Pereira e Moreira (2005) aponta que boa parte dos alunos de sua amostra gostam da aula de Educação Física, contudo apenas 57% se mostram satisfeitos e dizem que atendem seus interesses. Mostrou-se também que os professores não sabiam conduzir as aulas de maneira que atraíssem, ou que instigasse os alunos a participarem de forma ativa. O estudo aposta que é necessário que haja mudanças na forma como as aulas são dadas, para que os alunos sejam ativos no processo de ensino e aprendizagem, assim como atuantes na prática esportiva.

2.8.3 Esporte e socialização

A escola faz parte de uma parcela razoável da vida do ser humano. É o local onde se passa boa parte da infância e adolescência, sendo este período da vida algo significativo para o desenvolvimento posterior. Neste ambiente é tido grandes oportunidades de interação interpessoal. Pimentel (2017) citado por Santos (2018) reafirma quanto a esta interação interpessoal, que à princípio nasce na motivação.

Esta motivação acarreta em maior nível de atenção e concentração, que por sua vez faz criar maior vínculo com a prática esportiva, que se dá devido a necessidade de socializar. Deste modo, podemos afirmar que a convivência grupal se faz necessária para a humanidade, sendo que a educação esportiva e física aumenta as opções de relacionamentos, assim como aprimora a coordenação motora e outras habilidades. Santos (2018) ressalta que a prática esportiva sendo estimulada, é capaz de trazer maior humanidade aos indivíduos em questão. Tubino (2010) ressalta também que as práticas esportivas, principalmente na escola, é uma ferramenta de socialização, que se faz necessário, visto que o ser humano é dependente de relações, pois este não consegue viver em completo isolamento.

A escola influencia muito no desenvolvimento do sujeito. Santos (2018) ressalta que através do esporte é possível ser trabalhado questões morais, éticas e psicológicas do aluno. Mas há diversos motivos que fazem o sujeito querer participar das aulas de Educação Física. Um destes motivos apontados por Pereira e Moreira (2008), é que durante o período da puberdade há questões estéticas, já que a prática esportiva pode definir e modificar corpos, o que diz respeito a identidade deste, além de trabalhar e desenvolver a saúde física, mental e

social.

Compreendemos que a motivação é aquilo que dá sentido e motivo para fazermos o que fazemos, e de forma geral, a escola tem espaço para trabalhar os aspectos que mais motivam os alunos a praticarem esporte, que são a saúde, seguido de amizade/lazer e, por último a competência esportiva (CARVALHO, 2015). Neste sentido, e compreendendo que a escola, por meio do esporte, tem capacidade para ressignificar a motivação de estar neste ambiente, ela passa a ser um instrumento de resgate social e de identidade.

2.9 COMUNIDADES ESPORTIVAS E O PAPEL DE SOCIALIZAÇÃO DO ESPORTE

Elias (1994) apresenta o processo entre o esporte amador e profissional como reflexivo de mudanças sociais estruturais globais. Para esse cientista social, o esporte moderno surge no estágio de civilização, iniciado a partir do fim da guerra fria com a dissolução da antiga União Soviética, em que de acordo com o mesmo autor, as sociedades encontram-se pacificadas, em que a vida demanda um controle completo e uniforme de todos os impulsos instintivos, ou seja, um controle permanente das emoções. Desta forma, o esporte pode ser tido como uma forma de confronto pacífico entre diferentes povos ou grupos sociais.

Costa (2007) apresenta que a legislação brasileira conceitua esporte de alto rendimento como sendo aquele praticado segundo normas e regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do país e essas com outras nações. Ainda nesse sentido, a legislação brasileira faz a distinção entre o esporte profissional e não profissional: o primeiro é caracterizado por remuneração definida através de contrato de trabalho, patrocínio ou quaisquer outras formas contratuais pertinentes, dessa forma, o atleta profissional é considerado como empregado de uma entidade ou organização esportiva ou afim, sendo a ele assegurados os direitos e deveres de uma pessoa que ocupa uma função específica em uma organização (LEI 12.395/11). Enquanto que como atleta não profissional, considera-se o praticante de esportes ou atividades físicas que tenha como objetivos do esporte a saúde, bem-estar físico, social e psicológico, estética ou qualidade de vida.

O Governo Federal e os demais segmentos políticos e sociais do Brasil, busca, por meio do Sistema Nacional do Esporte (SNE) implantar políticas públicas de esporte, de modo que viabilize os atletas de alta performance e a inclusão social. O SNE busca construir bases e diretrizes de tais políticas que definem a estrutura e os mecanismos de funcionamento do

esporte no Brasil. Essas bases e diretrizes cobrem as entidades públicas da União, municipal e estadual, assim como entidades públicas.

3. MATERIAL E MÉTODO

MATERIAL

A fim de desenvolver esta pesquisa, foram feitas buscas sistemáticas Scielo, Pepsic e Bireme, restringindo publicações dos últimos dois anos e usando os seguintes termos como descritores: motivação no esporte; psicologia e motivação; behaviorismo e motivação; psicanálise e motivação; psicologia humanista e motivação. Para enriquecer o estudo, fazendo uso dos mesmos indexadores, foram feitas buscas com os descritores educação e esporte; e educação e motivação. Foram feitas pesquisas complementares em periódicos e livros na biblioteca do Centro Universitário de Lavras.

Após a leitura dos artigos encontrados com as palavras usadas como descritores, foram incluídos nesta pesquisa artigos que não fujam da temática central programada e que tratem especificamente da questão motivacional no esporte. Todo aquele material que não se relacionava com o tema da pesquisa, como por exemplo, motivação no trabalho; nas empresas e corporações, foram descartados, assim como matérias e textos não científicos ou artigos completos.

MÉTODO

No *A Dictionary of Terms Thousand Oaks* (1997), é definida uma pesquisa qualitativa como “aquela que empregue informação não numérica para explorar características individuais ou de grupo, que produz achados não acessíveis por procedimentos estatísticos ou outro meio quantitativo”.

Deslauries (1991) defende que em tal método, o cientista é objeto e sujeito de sua pesquisa. O conhecimento dele é parcial e limitado. Em contrapartida, Minayo (2001), entende que a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que são processos que não podem ser mensuráveis numericamente (GERHART e SILVEIRA, 2009).

Sendo assim, em concordância com a temática a ser analisada elege-se a revisão bibliográfica sistemática como principal meio de acesso ao problema de pesquisa proposto, pois se trata de questão teórica e conceitual relevante para a psicologia do esporte. Papers, G. T. (1997) citado por Lopes, A. L. M. e Fracoli, L. A. (2008) define pesquisa de revisão bibliográfica sistemática "como uma síntese de estudos primários que contém objetivos,

materiais e métodos claramente explicitados e que foi conduzida de acordo com uma metodologia clara e reprodutível".

Para ser mais específico, o método usado será a revisão de literatura integrativa, que tem por definição: “a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática” (SOUZA, SILVA E CARVALHO, 2010, p. 102).

Cabe ressaltar, que essa metodologia é utilizada largamente nas ciências humanas e sociais, pois muitos objetos de pesquisa, a princípio, não são acessíveis diretamente nos variados campos e áreas das vivências humanas e sociais.

Com o objetivo de aprofundar mais na temática e traçarmos a evolução científica, foi feita uma análise de cunho comparativa entre resultados de busca.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realizar a revisão de literatura, e com a finalidade de comparar com os resultados obtidos por Ferreira (2019), foram realizadas três etapas de processo, assim como Ferreira: planejamento da revisão: realização da revisão e análise do material (figura 5). Na primeira fase, foram discutidos e delimitados os critérios de materiais que seriam aceitos nesta pesquisa. Na segunda fase, que é a realização da revisão em si, subdividimos em duas análises. A primeira análise é feita diretamente no banco de dados, usando os filtros disponíveis nos mesmos, e aceitando os que passavam nesta primeira busca. Para segunda análise foram excluídos ou incluídos artigos de acordo com os nossos critérios, tais como tema e área de pesquisa, análise do título, resumo e conteúdo. Ao final, foram selecionados 10 artigos de 152 artigos inicialmente encontrados.

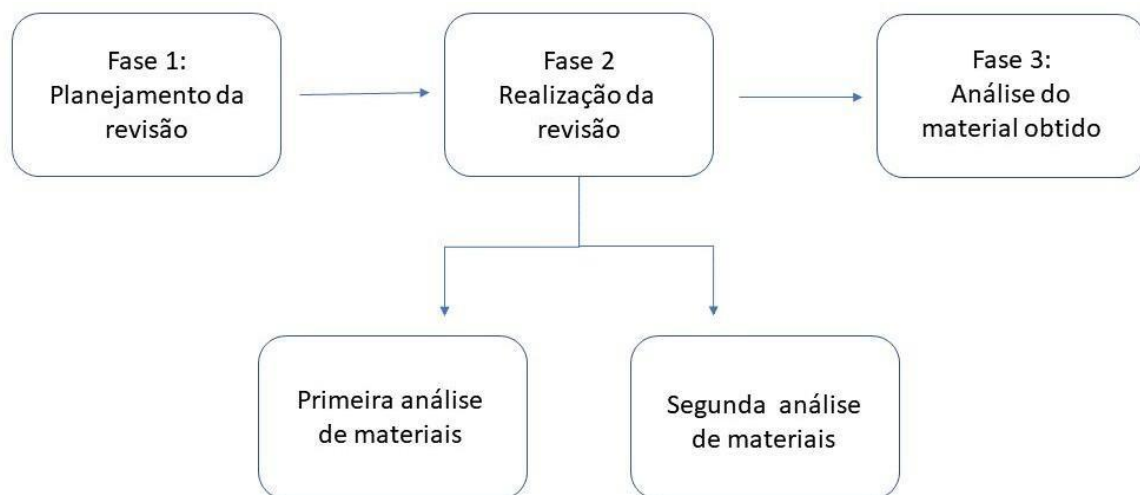


Figura 5 - Fases da revisão sistemática de literatura

Após fazer as buscas dos descritores, foram encontrados 152, sendo 30 repetidos, totalizando 122 artigos. Contudo, após análise, fazendo uso dos critérios de inclusão e exclusão, sobraram 10 artigos, sendo 3 repetições, totalizando 7 apenas artigos. Destacamos os resultados no quadro a seguir (quadro 1)

Relação numérica de artigo incluídos e excluídos por descritores do ano de 2017 até 2020

DESCRITORES	INCLUÍDOS	EXCLUÍDOS	TOTAL

PSICOLOGIA E MOTIVAÇÃO	6	125	131
MOTIVAÇÃO NO ESPORTE	4	13	17
BEHAVIORISMO E MOTIVAÇÃO	0	0	0
PSICANÁLISE E MOTIVAÇÃO	0	3	3
PSICOLOGIA HUMANISTA E MOTIVAÇÃO	0	1	1
TOTAL	10	142	152

*contém artigos repetidos devido ao uso de descritores e indexadores que obtinham os mesmos artigos

A partir do material encontrado, percebemos que as abordagens têm poucas publicações relacionadas à motivação, sendo estas pouco proveitosas para esta pesquisa. Vale ressaltar ainda que no descritor “Behaviorismo e motivação” não encontramos nenhuma publicação a respeito. Nas demais nós encontramos três no descritor “Psicanálise e motivação”, e um em “Psicologia Humanista e motivação”, contudo após passar pelo processo de inclusão e exclusão, estes artigos encontrados foram considerados inaptos (PQ?). Vale ressaltar que o descritor “Psicologia e motivação” foi o que mais nos trouxe resultados numéricos, mesmo que ainda tenha havido muitos artigos descartados.

Podemos fazer uma comparação com os resultados obtidos nesta pesquisa e com a pesquisa feita por Ferreira (2019). Os resultados obtidos anteriormente foi a seguinte (quadro 2)

**Relação numérica de artigo incluídos e excluídos
por descritores do ano de 2007 até 2016**

DESCRITORES	INCLUÍDOS	EXCLUÍDOS	TOTAL
PSICOLOGIA E MOTIVAÇÃO	5	119	124
MOTIVAÇÃO NO ESPORTE	10	16	26
BEHAVIORISMO E MOTIVAÇÃO	1	1	2
PSICANÁLISE E MOTIVAÇÃO	2	11	13

PSICOLOGIA HUMANISTA E MOTIVAÇÃO	0	0	0
TOTAL	18	147	165

*contém artigos repetidos devido ao uso de descritores e indexadores que obtinham os mesmos artigos

Podemos observar que a quantidade de resultados nesta segunda encontrados não é tão mais baixa se comparado com o intervalo de tempo estipulado. Na primeira pesquisa foram encontrados cinco artigos referentes ao descritor Psicologia e Motivação, mas nesta segunda pesquisa foram encontrados seis artigos. Quanto ao descritor Motivação e Esporte, na primeira pesquisa foram encontrados dez artigos, mas na segunda pesquisa nós encontramos apenas quatro artigos. Podemos perceber um aumento considerável no interesse na temática da Motivação dentro do campo da Psicologia, mas em contrapartida, não houve esse aumento quanto as pesquisas de motivação dentro do esporte. Na segunda busca não foi encontrado nenhum material referente a qualquer abordagem, enquanto na primeira pesquisa foram encontrados dois artigos em Psicanálise e Motivação, e um artigo em Behaviorismo e Motivação. Assim como na primeira busca, os descritores “Psicologia e Motivação”, e “Motivação no esporte” se destacam pela quantidade de artigo se comparado aos outros descritores, mostrando que o estudo da motivação se faz importante no campo da Psicologia como ciência e profissão, contudo, da mesma forma, não há menções quanto a abordagem utilizada para ter este olhar quanto a este comportamento humano, não embasando epistemologicamente dentro da Psicologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou primeiramente responder a algumas indagações que auxiliem no entendimento teórico e conceitual da correlação existente entre o conceito de Motivação, o Esporte, e a Psicologia. Para alcançar tais objetivos, foram escolhidas as três abordagens clássicas psicológicas: psicanálise; behaviorismo e a psicologia humanista para buscar tal correlação de forma científica, objetiva e direcionada.

Quinze Estados brasileiros não têm nenhum grupo de estudo em Psicologia do Esporte e Exercício, mostrando o quanto este campo do conhecimento é negligenciado e pouco explorado dentro do território nacional. Com este mesmo dado, compreende que boa parte daqueles que faziam parte dos grupos de pesquisa em Psicologia do Esporte e Exercício estão cursando ou são formados em Educação Física ou outras áreas da ciência da saúde, e a minoria é da Psicologia. Isso mostra como a Psicologia em si está pouco engajada nesta temática, tanto durante a graduação, quando nas pós-graduações.

É nítido que há pouco investimento em pesquisa e financeiro no esporte, se tornando mais nítido ainda o descuido da Psicologia ao se aprofundar nesta temática, mas pode-se dizer que este tipo de interesse (ou a falta deste) diz respeito de um aspecto cultural. Nos anos de 2014 e 2016 o Brasil parou para torcer por suas equipes e seleções na Copa e nas Olimpíadas. Boa parte dos nossos atletas medalhistas são militares também, ou seja, só conseguiram apoio do país por meio militar, tendo pouco ou nenhum incentivo fora deste ambiente.

Como já dito, o esporte se faz como um instrumento essencial, e necessário como facilitador da educação. A inserção de atividades físicas de forma ativa no ensino básico é um grande diferencial na vida acadêmica do indivíduo, assim como o que pode acarretar posteriormente. Contudo, vê-se que não é dada a devida importância para o esporte durante a infância e juventude, e esses benefícios que podem ser ganhos, nos são tirados a partir do momento que não é dada oportunidades de prática esportiva conduzida corretamente, ou mesmo incentivada.

Culturalmente, ensina-se que o esporte não é tão importante assim, que educação física é mais um momento para descansar das aulas do que para de fato praticar esporte, carregamos isso para a vida e é contínuo a reprodução no restante do processo acadêmico e profissional. Acredita ser mais uma falta de estímulo desde a educação básica, isso é levado para as universidades, que pouco veem o esporte e seu impacto, seja na sociedade quanto no desenvolvimento do indivíduo. Parte dessa falta de estímulo vem também da motivação dos professores e educação no geral. Quando não se trata de cursos de Educação Física, são poucos os acadêmicos que se interessam pelo esporte dentro do meio universitário, e geralmente

acontece em atléticas, que não necessariamente representa que haverá produções científicas ou prática esportiva mais efetiva e recorrente.

Contudo, a falta de incentivo ao esporte durante o período escolar possui algumas consequências em todos os níveis de ensino, da educação infantil ao ensino superior. Diante do recorte realizado neste trabalho, é possível compreender o efeito desse movimento na Psicologia do Esporte como ciência e profissão. A dificuldade de encontrar profissionais especializados na área, possui um impacto na formação curricular do curso. Considera que são diversas as universidades que não adotaram a disciplina de Psicologia do Esporte.

Assim compreende que o incentivo ao esporte nos traz ótimos resultados em diversas esferas da vida, mas principalmente se houver incentivo desde a infância do indivíduo. Os processos de aprendizagem decorrente à inserção no contexto esportivo desde a infância em atletas de alto rendimento, pontua-se que para além de trazer uma boa saúde, trabalha aspectos diversos como capacidade de lidar com estresse, autoavaliação, frustração, situações de competitividade, dentre outros, onde se valoriza a vivência e não apenas os resultados finais. Ou seja, ao incentivar a população a praticar esportes, passa-se a ter uma relação com o outro e consigo que pode ser mais saudável e amistosa, podendo também aplicar muito do que se ensina nos jogos e esportes para a vida e suas interações.

Constata-se nesta busca que existe sim um olhar psicológico para a prática esportiva, mas ainda não é suficiente para suprir com a demanda, e aqui pode-se construir ciência, na busca, nas perguntas e na falta de respostas, pois quando assume-se este lugar de ausência e necessidade é que se faz ciência, pois é na lacuna e na falta onde conseguimos produzir e criar.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, A.C. **A motivação de aluno no contexto escolar.** Anuário de produções acadêmico-científica dos discentes da faculdade Araguaia, Sistema Integrado de Publicações Eletrônicas da Faculdade Araguaia – SIPE; Araguaia; v.3, 2015, p. 71-90.
- BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BRAGHIROLI, E.M., et al., **Motivação.** In: _____ . **Psicologia Geral.** 22ª ed, Porto Alegre: Editora Vozes, 1990. cap. 6, p. 90, 91.
- BRANDÃO, M. R. F; MACHADO, A. A. **Coleção Psicologia do esporte e do exercício: Teoria e Aplicação.** São Paulo. Atheneu, 2007. p. 12, 24, 25, vol. 1. p. 12, 24 – 27.
- CARVALHO, M. F. N. **A (Des)Motivação da aprendizagem de alunos de escola pública de ensino fundamental I: quais os fatores envolvidos.** Acesso em 30-09-2020, v. 5, 2015.
- CELANTE, A. R. **Educação física e cultura corporal: uma experiência de intervenção pedagógica no Ensino Médio.** 2000. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.
- COSTA, L. M. **O que é uma torcedora?** Notas sobre a representação e auto representação do público feminino de futebol. *Esporte e sociedade*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, fev. 2007. p. 31.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERREIRA, A. C. P; SOUZA, R. F. **Revisão Sistemática de Literatura Sobre a Questão Motivacional no Esporte.** *Rev. FSA*, Teresina, v.16, n.2, art. 14, p. 256-271, mar/abr. 2019.
- FELTZ, D. **The nature of Sport psychology.** In **T. Horn (Ed.)** *Advances in Sport psychology* (pp. 3-11). Champaign: Human Kinetics. 1992.
- GILL, D. L. **Psychological dynamics of Sport.** Champaign, IL: Human Kinetics. 1986.
- GOULD, D.; WEINBERG, R. S. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e Exercício.** 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 70, 157, 158.
- LOPES, A. L. M.; FRACOLLI, L. A.; **Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem,** Vol. 17, n 4, *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2008. p. 772.
- MONTENEGRO, E.; MONTENEGRO, P. A. **Ética e docência na educação física.** In: TOJAL, J. B.; COSTA, L. P.; BERESFORD, H. (Org.). *Ética profissional na educação física.* Rio de Janeiro: Shape: CONFED, 2004. cap. 21, p. 257-268.
- MOREIRA, M. B.; TODOREV, J.C. **O conceito de motivação na psicologia.** *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.* vol. 7. nº 1. p. 2, 3, 5, 6. São Paulo. Jun. 2005. p. 2 - 6.

- PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. **A participação dos alunos de Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações.** Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v.16, n.2, p.121-127, 2008.
- SAMULSKI, D.; **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas.** 2.ed., Barueri, SP. Manole, 2009. p. 1 - 3, 168.
- SANCHES, S. M.; RUBIO, K. **A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e resiliência.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n.4, p. 825-842, dez de 2011.
- SILVA, B.F.; **Esporte no contexto escolar: esporte e escola.** Revista Brasileira do esporte coletivo. Ano 2, vol. 2, 2018. p, 4 - 16.
- RUBIO, K. A; **A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa,** Brasília, vol. 19, n. 3, 1999. p. 1, 2.
- RUBIO, K.; **Psicologia do esporte: Interface, pesquisa e intervenção,** 2. ed, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000, p. 18 - 22.
- TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação.** Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.
- VIEIRA, L.F., et. al. **Psicologia do esporte: Uma área emergente da Psicologia,** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p. 391-399, abr./jun. 2010.
- VILARINO, G.T; et. al.. **Análise de grupos de pesquisa em psicologia do esporte e do exercício no Brasil,** Revista Bras. Ciênc. Esporte vol. 39 n. 4, Porto Alegre, 2017.
- WEINBERG, R., & GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia,** aplicada ao exercício e ao esporte. Porto Alegre: ARTMED, p. 28, 2001.
- WEITEN, W. **Psicologia: temas e variações.** 7ª ed. São Paulo, Cengage Learning, 2010. p. 271, 272.